



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAPÁ
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS/INGLÊS
CAMPUS MACAPÁ

BEATRIZ ELINE AVIZ DO NASCIMENTO

**A PHRYNE FISHER MYSTERY SERIES, DE KERRY GREENWOOD E O
PROTAGONISMO FEMININO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA**

MACAPÁ - AP
2023

BEATRIZ ELINE AVIZ DO NASCIMENTO

**A PHRYNE FISHER MYSTERY SERIES, DE KERRY GREENWOOD E O
PROTAGONISMO FEMININO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado no Curso Superior de Licenciatura em Letras Português/Inglês do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá – IFAP como requisito avaliativo para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português / Inglês.

Orientadora: Dra. Tatiana da Conceição Golvaves.
Coorientadora: Dra. Micheline Tacia de Brito Padovani.

MACAPÁ - AP
2023

Biblioteca Institucional - IFAP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

- N244p Nascimento, Beatriz Eline Aviz do
A Phryne Fisher Mystery Series, de Kerry Greenwood e o protagonismo feminino na literatura contemporânea / Beatriz Eline Aviz do Nascimento - Macapá, 2023.
43 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Campus Macapá, Curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês, 2023.
- Orientadora: Dra. Tatiana da Conceição Gonçalves.
Coorientadora: Dra. Micheline Tacia de Brito Padovani.
1. Literatura Contemporânea. 2. Protagonismo Feminino. 3. Emancipação Feminina. I. Gonçalves, Dra. Tatiana da Conceição, orient. II. Padovani, Dra. Micheline Tacia de Brito, coorient. III. Título.

BEATRIZ ELINE AVIZ DO NASCIMENTO

**A PHRYNE FISHER MYSTERY SERIES, DE KERRY GREENWOOD E O
PROTAGONISMO FEMININO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado no Curso Superior de Licenciatura em Letras Português/Inglês do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá – IFAP como requisito avaliativo para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português / Inglês.

Orientadora: Dra. Tatiana da Conceição Golvaves.
Coorientadora: Dra. Micheline Tacia de Brito Padovani.

BANCA EXAMINADORA

Tatiana da Conceição Gonçalves

Dra. Tatiana da Conceição Gonçalves

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

Micheline Tacia de Brito Padovani

Dra. Micheline Tacia de Brito Padovani

IP-PUC/SEDUC – São Paulo

[Assinatura]

Dra. Ingrid Lara de Araújo Utzig

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

[Assinatura]

Me. André Adriano Brun

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

Suany Rodrigues da Cunha

Ma. Suany Rodrigues da Cunha

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá

Apresentado em: 18 / 12 / 2023.

Conceito/Nota: 100

A todas as brilhantes, incomparáveis e incansáveis mulheres de minha vida, que por meio de seus exemplos de resiliência, paixão pela vida e amor pela liberdade, inspiram-me a ser melhor, todos os dias.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Pai Celestial e Criador, Jeová Deus, pela capacidade de raciocínio e de discernimento, bem como por Seu cuidado e proteção ao longo de toda a minha vida, mesmo sem merecimento.

A minha mãe, pelo seu apoio incondicional durante minha trajetória acadêmica e pela sua dedicação a mim em meus momentos mais difíceis.

Ao meu pai e a minha mãe do coração, por seu apoio, todos os dias, provendo o necessário para o cumprimento de minha caminhada.

As minhas tias, Maria José e Josefa, por desde sempre compartilharem comigo o amor pela literatura e as experiências da aventura que é ser um professor.

A minha orientadora, por demonstrar paciência e dedicação ao longo de nossa convivência e por sempre estar disposta a me acolher, mesmo em meus momentos desfavoráveis.

A minha coorientadora, por sua direção e por sua contribuição na realização deste trabalho.

Aos meus colegas de curso, pela amizade, pelo acolhimento e pela ajuda que prestaram a mim nessa caminhada em comum.

Ao meu eterno professor, André Adriano Brun, por sua influência positiva sobre meu potencial na área de Letras, e que, desde meu ensino médio, é um grande incentivador e torcedor de meu sucesso pessoal e profissional.

Aos meus queridos professores, por seu esforço incansável de me proporcionar a melhor formação possível e pelas memórias maravilhosas que levarei sempre comigo.

“My mission in life is not merely to survive, but to thrive; and to do so with some passion, some compassion, some humor, and some style.”

“Minha missão na vida não é apenas sobreviver, mas prosperar; e fazê-lo com paixão, compaixão, humor e estilo.”

(Maya Angelou)

RESUMO

Este trabalho visa a demonstrar, dentro do campo da análise literária e da crítica social, a inserção do protagonismo feminino na obra de literatura contemporânea *Miss Phryne Fisher Investigates* (também conhecido como *Cocaine Blues*), o primeiro título da aclamada série literária *A Phryne Fisher Mystery Series*, da autora australiana Kerry Greenwood, criadora da icônica personagem Phryne Fisher, a mulher detetive. Para isso, examina-se a relação da personagem com as questões relativas à sexualidade, ao casamento, aos desafios do processo de emancipação feminina, tomando-se como base, no âmbito da literatura contemporânea, as reflexões filosóficas de Simone de Beauvoir, considerada uma das maiores teóricas do feminismo moderno e uma singular inspiração para milhares de movimentos pró-feminismo em todo o mundo. Também, levamos em conta os pressupostos de Antonio Candido em sua obra *Literatura e Sociedade* (2006), no que concerne à relação entre a literatura e seu contexto social de produção, visando a discutir como a obra literária, corpus dessa pesquisa, reforça a necessidade da reflexão no que diz respeito ao papel exercido pelas mulheres na sociedade retratada na narrativa, em comparação ao seu lugar na sociedade atual, observando, também, como a literatura contribui para uma mudança no modo de encarar o indivíduo do sexo feminino e sua busca por emancipação. Além disso, explicam-se alguns dos fatores que levaram a mulher à sua posição subjugada em comparação ao homem, de modo a evidenciar as dificuldades a serem superadas pelas mulheres que lutam para conquistar a liberdade de decidir por si mesmas, em um mundo tomado pelo machismo e pela opressão ligada ao gênero.

Palavras-chave: literatura contemporânea; Kerry Greenwood; protagonismo feminino; emancipação feminina; Simone de Beauvoir.

ABSTRACT

This work aims to demonstrate, within the field of literary analysis and social criticism, the insertion of female protagonism in the work of contemporary literature *Miss Phryne Fisher Investigates* (also known as *Cocaine Blues*), the first title in the acclaimed literary series *A Phryne Fisher Mystery Series*, by Australian author Kerry Greenwood, creator of the iconic character Phryne Fisher, the female detective. To this end, the character's relationship with issues relating to sexuality, marriage, and the challenges of the process of female emancipation is examined, taking as a basis, within the scope of contemporary literature, the philosophical reflections of Simone de Beauvoir, considered a one of the greatest theorists of modern feminism and a singular inspiration for thousands of pro-feminism movements around the world. We also take into account the assumptions of Antonio Candido in his work *Literatura e Sociedade* (2006), regarding the relationship between literature and its social context of production, aiming to discuss how the literary work, corpus of this research, reinforces the need reflection regarding the role played by women in the society portrayed in the narrative, in comparison to their place in current society, also observing how literature contributes to a change in the way of viewing the female individual and her search for emancipation. Furthermore, some of the factors that led women to their subjugated position in comparison to men are explained, to highlight the difficulties to be overcome by women who fight to gain the freedom to decide for themselves, in a world taken over by misogyny and gender-related oppression.

Keywords: contemporary literature; Kerry Greenwood; female protagonism; female emancipation; Simone de Beauvoir.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	LITERATURA CONTEMPORÂNEA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	12
2.1	Literatura, Contemporaneidade e Engajamento Social	12
2.2	A obra <i>O Segundo Sexo</i> e o Feminismo Existencialista de Simone de Beauvoir	16
2.3	Protagonismo feminino e literatura	18
3	COCAINE BLUES: O INÍCIO DE UMA SAGA FEMININA	26
3.1	Do tédio de Londres para uma aventura na Austrália: a jornada glamurosa de Phryne Fisher em <i>Cocaine Blues</i>	26
3.2	A honorável senhorita Fisher, <i>lady detective</i>: protagonismo feminino em foco	31
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

O escritor de literatura contemporânea, em suas muitas nuances, utiliza o engajamento social como uma forma de atrair seu público leitor e levá-lo a uma reflexão crítica da realidade. Diversos autores se destacam, no que foi e ainda está sendo produzido literariamente ao redor do mundo, trazendo pontos de vistas distintos sobre os mesmos desafios enfrentados diante da constante evolução da humanidade em todas as faces da sua existência.

Na Austrália, país de língua inglesa, situado na Oceania, Kerry Greenwood (1954 - presente) consagra-se por sua obra literária eclética e repleta de significados, ao representar mulheres e membros de outros grupos sociais. Uma de suas empreitadas é a série de livros *A Phryne Fisher Mystery Series*, composta por 22 títulos que narram as aventuras da mulher detetive Phryne Fisher nos anos 1920. Como um romance do gênero policial, com algumas características do gênero urbano, a série desenrola-se em diferentes circunstâncias e acompanha a habilidosa detetive na busca por respostas aos crimes que se interpõem constantemente em seu caminho.

Nessa pesquisa, conduzimos uma investigação acerca do título introdutório da coleção, *Miss Phryne Fisher Investigates* (também conhecido como *Cocaine Blues*¹), publicado em 1989, a fim de exibir como se dá o protagonismo feminino neste primeiro volume da série literária de Greenwood. A partir de uma breve análise das impressões iniciais sobre a protagonista, objetivamos estudar a relação da personagem com as questões relativas à sexualidade e ao casamento, bem como os desafios do processo de emancipação feminina, com base, no âmbito da literatura contemporânea, e nas reflexões filosóficas de Simone de Beauvoir, em sua obra *O segundo sexo* (1949), fonte teórica do feminismo moderno, e cujas concepções estão alicerçadas nos ideais existencialistas defendidos pela filósofa, que também são brevemente explanados ao longo deste estudo.

Em nosso viés de análise literário, de cunho majoritariamente sociológico, levamos em conta os pressupostos de Antonio Candido em sua obra *Literatura e Sociedade* (2006), no que concerne à relação entre a obra literária e seu contexto social de produção, que considera o elemento externo, o social, tão importante quanto os elementos passíveis de valor estético e que, portanto, não podem ser tratados separadamente. Assim, com base em nossa investigação sobre a obra e sua protagonista, visamos a discutir como a obra reforça a necessidade da reflexão, no que diz respeito ao papel exercido pelas mulheres na sociedade retratada na

¹ Adotamos este título ao longo deste trabalho.

narrativa, em comparação ao seu lugar na sociedade atual, observando-se como a literatura contribui para uma mudança no modo de encarar o indivíduo do sexo feminino e sua busca por autonomia.

Além disso, com o apoio dos artigos *Cultura patriarcal e representação da mulher na literatura*, de Mirele Carolina Werneque Jacomel e Cristian Pagoto, e *A representação feminina em Bocage: a receptora tonalidade dependente do receptor*, de Flávia Giacobbo Ribeiro, retoma-se, brevemente, como a figura feminina foi retratada ao longo de séculos de produção literária, refletindo o período histórico em que se situava, e explicam-se alguns dos fatores que levaram a mulher à sua posição subjugada em comparação ao homem, de modo a evidenciar os desafios enfrentados pelas mulheres em sua busca pela emancipação, pela autossuficiência e pela liberdade de decidir por si mesmas, em um mundo tomado pelo machismo e pela opressão ligada ao gênero.

Esta pesquisa, portanto, constitui-se como um instrumento de difusão do histórico de conflitos, vitórias e desafios vividos por mulheres reais e que, por meio da literatura, ganham espaço e representação, além de mais apoiadores para a causa feminina. Na contemporaneidade, obras como a de Kerry Greenwood tendem a conquistar um lugar privilegiado em comparação a autores de outros tempos – não é à toa que sua série de livros da detetive Phryne Fisher possui uma série de TV com três temporadas completas, um *spin-off* e um longa-metragem. Essas produções sinalizam que a cada dia, as mulheres estão conquistando mais espaço nos diversos palcos da vida real e inspirando outras mulheres a realizar sonhos e desejos, apesar das muitas barreiras ainda existentes.

A temática deste trabalho foi determinada haja vista a escassez de produções científicas brasileiras em Literatura Australiana, principalmente, acerca do trabalho da autora Kerry Greenwood, cujas obras ainda não foram traduzidas para o português, mas que de modo algum inviabilizam pesquisas e/ou trabalhos de qualquer gênero.

2 LITERATURA CONTEMPORÂNEA: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 Literatura, Contemporaneidade e Engajamento Social

Ao conceituar literatura, D’Onofrio (1990, p. 9) diz se tratar de “uma forma de conhecimento da realidade que se serve da ficção e tem como meio de expressão a linguagem artisticamente elaborada.” De fato, uma das funções da literatura, dentre seu valor estético, catártico e cognitivo, é a político-social, que “almeja uma direção para os verdadeiros valores da nacionalidade ao evidenciar crenças e percepções pessoais, possibilitando que os seres humanos possam refletir no seu modo de ver a vida e de estar no mundo.” (SANTOS, 2008, p. 1).

Assim, faz parte da obra literária o poder de carregar consigo os mais diferentes elementos da vida cotidiana, da história, da sociedade e da política, (ZILBERMAN, 2012, p. 35) de modo a expor não somente os costumes, modas, linguagens e outros elementos passíveis de valor estético, mas os elementos que, somados aos anteriormente listados, conferem significado à obra. Neste caso, falamos sobre os elementos sociais que formam a sua matéria, as circunstâncias do meio que influíram na sua elaboração, ou a sua função na sociedade, conforme Candido (2006, p. 20).

É importante conhecer a visão de Candido sobre os elementos sociais que compõem uma obra literária, ou o que ele chama de elemento externo, e que são atendidos na análise da obra literária do presente estudo:

[...] a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (CANDIDO, 2006, p. 12)

De acordo com Brun (2008, p. 26) “isto significa que os fatores externos, ao serem considerados, convertem-se em parte integrante, em elementos constitutivos do processo de criação artístico-literária e, uma vez participantes da economia da obra, deixam-se transparecer, evidenciando-se na arquitetura da mesma.” Por essa razão, em uma análise de cunho majoritariamente sociológico, é necessário perceber como os traços se integram e se apresentam dentro da obra, e não apenas expor traços sociais da época em que vive o autor ou

do momento histórico que ele retrata em sua produção, tal qual a influência destes nos elementos da narrativa.

Então, em uma análise literária nos moldes propostos por Candido em *Literatura e Sociedade*, que lugar ocupa a influência dos fatores externos ligados ao momento em que a narrativa é retratada – no caso de *Cocaine Blues*, de Kerry Greenwood, o final dos anos 1920, na Austrália – ou o momento em que a autora vivenciou durante a criação de sua obra, que difere do tempo vivido por sua personagem? Candido (apud BRUN, 2008, p. 25) responde:

A literatura e a arte em geral, enquanto parte integrante de determinado contexto, ou seja, produto de um autor – artista – fatalmente recebe e dialeticamente exerce influências da/na sociedade na qual se insere. Costumes, valores, normas, tradições, ideologia, linguagem, dentre outros elementos contextuais, podem ser selecionados - explícita ou implicitamente - num texto literário que, a despeito do seu status ficcional e do descompromisso com a verossimilhança, apresenta marcas do contexto no qual se ambienta e ao qual se reporta. (CANDIDO apud BRUN, 2008, p. 25)

Em vista disso, na análise da obra tema deste estudo, não atentamos somente para seus elementos contextuais, que englobam a representação ficcional da sociedade australiana dos anos 1920, conforme retratado por Greenwood, mas também para a influência exercida pela sociedade, do mundo real, na qual a própria autora se insere. Como isso ocorre?

No que se refere ao período histórico retratado em *Cocaine Blues*, o mundo pós Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o contexto social reproduz uma sociedade tradicional e conservadora, porém, “a década de 1920 apresentou as mulheres ao mundo da libertação. As mulheres da Era do Jazz encurtaram as saias, abandonaram os espartilhos, enrolaram as meias e cortaram os cabelos [...]” (JONHSON-WOODS E FRANKS, 2015, n.p., tradução nossa)². Tal comportamento diz respeito à ‘Flapper Era’, ou Era das Melindrosas, no Brasil, sendo a personagem Phryne Fisher “a personificação da mulher libertada da Era do Jazz.” (JONHSON-WOODS E FRANKS, 2015, n.p., tradução nossa)³

Quanto à influência do contexto em que a autora está inserida, pode-se observar o que Johnson-Woods e Franks (2015, n.p., tradução nossa) declaram a seguir:

Fisher também difere da maioria dos detetives históricos, pois carrega não apenas o fardo da argumentação [...] mas ela também testa a relevância de um personagem em um ambiente mais contemporâneo. Isso demonstra que Fisher, apresentada aos leitores pela advogada Kerry Greenwood, personifica

² “The 1920s introduced women to the world of liberation. Jazz Age women shortened their skirts, abandoned corsetry, rolled down stockings and bobbed their hair [...]”

³ “[...] she is the embodiment of the Jazz Age liberated female.”

a independência das mulheres contemporâneas através dos principais temas da série – totalizando vinte romances e uma coletânea de contos – incluindo a libertação das mulheres, a independência financeira, a liberdade sexual e os instintos maternos. (JONHSON-WOODS E FRANKS, 2015, n.p., tradução nossa)⁴

Portanto, no estudo da obra de Greenwood, é essencial considerar como a visão da sociedade em que a autora se insere, sobre às temáticas sociais abordadas ao longo do enredo, se faz presente em sua produção literária, determinando o comportamento vanguardista da personagem e incitando o leitor a uma reflexão quanto ao seu próprio comportamento diante de situações semelhantes às enfrentadas pela protagonista. Neste último caso, a literatura, especialmente, a contemporânea, destaca-se em uma de suas maiores características: apelar ao lado político-social de suas produções.

De fato, uma das marcas da contemporaneidade é o apelo político-social do qual a literatura se serve para trazer à tona as questões latentes do homem moderno. Entretanto, quando nos propomos a conceituar “Literatura contemporânea”, surgem questionamentos relativos à quando exatamente podemos atribuir o início do período contemporâneo, ou pós-moderno, como alguns autores preferem chamá-lo.

Há também as diferenças entre países, que podem atribuí-lo ao período imediato ao pós-guerra (1945) ou até mesmo ao fim da guerra fria (1990), conforme narram outros autores (GALLE, 2013, p. 3). Qualquer que seja o motivo deste impasse, vamos nos ater ao que Schollhammer (2009, p. 9) declarou ao conceituar “Literatura contemporânea”:

O contemporâneo é o intempestivo", diz Barthes, o que significa que o verdadeiro contemporâneo não é aquele que se identifica com seu tempo, ou que com ele se sintoniza plenamente. O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por sentir-se em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo. Assim, a literatura contemporânea não será necessariamente aquela que representa a atualidade, a não ser por uma inadequação, uma estranheza histórica que a faz perceber as zonas marginais e obscuras do presente, que se afastam de sua lógica. Ser contemporâneo, segundo esse raciocínio, é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 9)

⁴ Fisher also differs from most historical detectives, in that she bears not only the burden of argument [...] but she also tests a character's relevancy against a more contemporary environment. This demonstrates that Fisher, introduced to readers by lawyer Kerry Greenwood, personifies the independence of contemporary women through the main themes within the series – numbering twenty novels and a collection of short stories – including women's liberation, financial independence, sexual freedom and motherly instincts.

Em palavras simples, o que isso significa? A Literatura Contemporânea não necessariamente retrata a atualidade, mas uma desarmonia em seu conjunto nos enseja perceber as zonas marginalizadas e mais escuras do presente, por meio de uma estranheza que nos afasta da lógica (DIOGENES ET AL., 2023, p. 2).

Por lançar luz sobre as “zonas marginalizadas e mais escuras do presente”, a literatura contemporânea expõe, entre muitas coisas, a maneira desprivilegiada com que as mulheres ainda são vistas pela sociedade. Contudo, o trabalho dessa área não se restringe à mera exposição da decadência feminina.

Sob essa ótica, diversas obras denunciam as injustiças sofridas por mulheres de todo o mundo, o que serve como combustível para movimentos em prol do direito feminino à liberdade. Ao mesmo tempo, outras obras são protagonizadas por mulheres independentes, bem-resolvidas, que não se deixam menosprezar pelo tratamento misógino e sexista que recebem, e, nessa direção, servem como inspiração para leitoras (e leitores) de vários cantos do planeta, levando-os a refletir sobre o lugar que ocupam na luta pelos direitos das mulheres e outros grupos.

O descrito acima explicita que, mais do que um veículo de entretenimento ou mero objeto de valor estético, a literatura também é um instrumento de humanização, um processo que, segundo Candido (2004, p. 180)

[...] confirma no homem [...] o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2004, p. 180)

Assim, produções de cunho feminista como as de Kerry Greenwood representam um modo de se incitar a reflexão acerca do papel atribuído às mulheres ainda na contemporaneidade, de modo que os receptores não se configurem apenas como meros espectadores de uma história protagonizada por uma mulher forte contra o mundo, mas que se sintam compelidos a tomar uma posição decisiva na luta pela liberdade feminina, afinal

[...] a literatura satisfaz, em outro nível, à necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles. É aí que se situa a literatura social, na qual pensamos quase exclusivamente quando se trata de uma realidade tão política e humanitária quanto a dos direitos humanos, que partem de uma análise do universo social e procuram

retificar as suas iniquidades. (CANDIDO, 2004, p. 180)

É como Sartre (2006, p. 84) declarou, ao ponderar sobre o valor da literatura no que diz respeito à instigação de mudanças políticas sociais, em séculos passados:

Naquele tempo uma obra do espírito era duplamente um ato, pois produzia ideias que deviam originar transformações sociais e punha em risco o seu autor. É esse ato, qualquer que seja o livro considerado, se define sempre da mesma maneira: é um ato libertador. Não há dúvida de que também no século XVII a literatura tinha uma função libertadora, mas que se mantinha encoberta e implícita. No tempo dos enciclopedistas, não se trata mais de libertar o "homem de bem" das suas paixões, devolvendo-lhe sem complacência o reflexo delas, mas sim de contribuir com a pena para a libertação política do homem em geral (SARTRE, 2006, p. 84)

Não se pode negar, portanto, a imensa responsabilidade que um autor e sua obra literária tem, no que concerne a suscitar a libertação das mulheres de todos os males que ainda lhes são impostos, no chamado “mundo moderno”.

Para compreender o que está relacionado ao processo de libertação das mulheres de seu jugo opressor, é necessário, primeiro, entender como surgiu o Feminismo de cunho existencialista, de Simone de Beauvoir, e sua importância para elaboração de *O Segundo Sexo*, obra filosófica em que baseamos nossa análise literária. A próxima seção abordará esses assuntos.

2.2 A obra *O Segundo Sexo* e o Feminismo Existencialista de Simone de Beauvoir

Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir, mais conhecida como Simone de Beauvoir, nasceu em 09 de Janeiro de 1908, em Paris, na França, e foi uma filósofa, ativista política e escritora de grande importância para o movimento existencialista francês, além de ser bastante aclamada por sua célebre contribuição ao movimento feminista mundial por meio da obra *O segundo sexo*, publicada pela primeira vez em 1949.

Por intermédio de *O segundo sexo*, Beauvoir lança um questionamento polêmico: o que é ser mulher? Ao longo de sua obra magna, ela reflete em como a construção da sociedade, desde seus primórdios, estabeleceu uma identidade feminina que serve aos interesses do sexo dominante, isto é, o masculino, e como essa predefinição do que se espera de um indivíduo do sexo feminino o confina a uma vida de opressão, sem a mesma liberdade que os homens usufruem para serem o que quiserem, sem a preocupação de violar um código social que lhes fora imposto desde o nascimento.

Como embasamento teórico de suas ideias, Beauvoir debruçou-se sobre o Existencialismo filosófico, corrente representada por seu companheiro de vida, Jean-Paul Sartre, cuja ideia principal é de que “[...] a existência precede a essência [...]” (SARTRE, 1984, p. 8), ou seja,

[...] em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo. [...] O homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo. (SARTRE, 1984, p. 10)

A partir deste princípio fundamental da filosofia defendida por Sartre, surge outro conceito importante para uma compreensão completa do que Beauvoir defendeu em *O segundo sexo* – trata-se do conceito de liberdade. Segundo Costa (2022, p. 390)

A liberdade para o existencialismo não é entendida como uma propriedade, nem como uma questão abstrata, a concepção existencial de liberdade é aquela que enxerga uma possibilidade transcendental de transformar a situação partindo da facticidade que a existência humana esteja inserida, encarando as dimensões históricas das opressões. (COSTA, 2022, p. 390)

Desta maneira, ao levar em conta tal ideal de liberdade na concepção dos princípios do feminismo de cunho existencialista contidos em seus livros, Simone de Beauvoir contestou o papel socialmente atribuído às mulheres, defendendo que, como qualquer ser humano, elas também nascem livres e devem possuir o direito a gozar dessa liberdade para viver conforme suas próprias aspirações, e não segundo o que um sistema opressor, machista e excludente dita como o natural para um indivíduo do sexo feminino.

Ao colocar as mulheres em um novo patamar, longe da dependência e da submissão inquestionável imposta pelos preceitos do patriarcado, Beauvoir abriu o caminho para que esta classe, antes reprimida e excluída, tivesse a oportunidade de pleitear e alcançar realizações impensáveis para uma mulher poucas décadas atrás, como o direito ao voto, o direito à educação e ao trabalho, a independência financeira, o direito de decidir sobre o próprio corpo e muitas outras questões que eram negadas e delegadas ao seu “responsável”, o marido ou o pai.

Por essa razão, *O segundo sexo*, chamado por alguns de “a bíblia do feminismo”,

representou uma adição valiosa ao movimento feminista do século XX, sendo, até o presente momento, uma inspiração para outras reivindicações pelos direitos das mulheres no mundo inteiro.

Desse modo, na seção seguinte, trazemos uma abordagem sumária acerca da literatura articulada a questões sociais, neste caso, à afirmação feminina como figura que cada vez mais conquista posições de protagonismo na sociedade atual, considerando como a situação de opressão sofrida pelas mulheres há muitos séculos refletiu nas produções dos diversos movimentos literários, e como a representação da figura feminina na contemporaneidade é fundamental para incitar mudanças no cenário social da atualidade no que concerne aos direitos femininos, sejam eles no exercício de novos postos profissionais e cargos de liderança em vários setores sociais, ou na sua autonomia sobre decisões ligadas ao seu próprio corpo e a sua liberdade de expressão.

2.3 Protagonismo feminino e literatura

Para uma plena compreensão da importância do protagonismo feminino na esfera literária, é necessário entender os fatores que levaram a mulher a lutar pelo seu direito à liberdade de expressão e à sua autonomia no contexto social. Embora se saiba que as teorias feministas eclodiram com toda a força na primeira metade do século XX, especialmente nos Estados Unidos, onde muitos movimentos a favor da emancipação feminina ocorreram em concomitância com as exigências da modernidade, o clamor por mudanças no papel social atribuído à mulher remonta a um tempo mais distante.

Beauvoir, no primeiro volume de *O segundo sexo*, faz uma retrospectiva sobre os eventos históricos que colocaram a mulher em uma posição desfavorecida em relação ao homem. Ela conta que nos primórdios da sociedade, na Idade da Pedra, as mulheres ocupavam um lugar importantíssimo em suas comunidades, visto que as tarefas essenciais à sobrevivência do grupo dependiam de sua destreza em realizar funções ligadas à subsistência.

Envolta nessa linha de pensamento, a filósofa francesa (BEAUVOIR, 2009, p. 75), citando a obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, do teórico revolucionário alemão Friedrich Engels (1820-1895), diz que

[...] quando a terra era comum a todos os membros do clã, o caráter rudimentar da pá, da enxada primitiva, limitava as possibilidades agrícolas: as forças femininas estavam na medida do trabalho exigido pelo cultivo de jardins. Nessa divisão primitiva do trabalho, os dois sexos já constituem, até

certo ponto, duas classes; entre elas há igualdade. Enquanto o homem caça e pesca, a mulher permanece no lar. Mas as tarefas domésticas comportam um trabalho produtivo: fabricação dos vasilhames, tecelagem, jardinagem, e com isso ela desempenha um papel importante na vida econômica [...] (ENGELS apud BEAUVOIR, 2009, p. 75)

Tal importância, porém, conferida à força de trabalho feminina perdurou por um curto período, posto que o advento das ferramentas de metal e de outros instrumentos úteis para a expansão da agricultura exigiu uma nova configuração social do trabalho. Assim sendo, segundo Engels (apud BEAUVOIR, 2009, p. 75) "um trabalho intensivo é exigido para desbravar florestas, tornar os campos produtivos. O homem recorre, então, ao serviço de outros homens que reduz à escravidão." Acerca dessa lógica, levanta-se a seguinte indagação: De que forma isso afetou as mulheres? Com vistas a respondê-la, destacamos algumas considerações da autora, ainda com base na obra de Engels, que podem nos conduzir a uma resposta coerente:

A propriedade privada aparece; senhor dos escravos e da terra, o homem torna-se também proprietário da mulher. Nisso consiste "a grande derrota histórica do sexo feminino". Ela se explica pelo transtorno ocorrido na divisão do trabalho em consequência da invenção de novos instrumentos. "A mesma causa que assegurava a mulher sua autoridade anterior dentro da casa, seu confinamento nos trabalhos domésticos, essa mesma causa assegurava agora a preponderância do homem [...] O direito paterno substitui-se então ao direito materno; a transmissão da propriedade faz-se de pai a filho e não mais da mulher a seu clã. É o aparecimento da família patriarcal baseada na propriedade privada. Nessa família a mulher é oprimida. (ENGELS apud BEAUVOIR, 2009, p. 75)

Nesse contexto, nota-se que a decadência do papel feminino se deu a partir do momento em que a força física masculina, necessária para o uso dos instrumentos utilizados na expansão das terras para atividades agrícolas, tornou-se fundamental para o crescimento econômico daquela sociedade. Engels (apud BEAUVOIR, 2009, p. 76) enfatiza, a partir daí, que "a igualdade só poderá se restabelecer, quando os dois sexos tiverem direitos juridicamente iguais, no entanto, essa libertação exige a entrada de todo o sexo feminino na atividade pública". Depreende-se, desse fato, que a saída para essa relação de sobrepujança, exercida pelos homens sobre as mulheres, reside na retomada do uso da força de trabalho feminina como contribuição aos processos que visam ao desenvolvimento de uma sociedade. "Forte na época em que as técnicas se adaptavam às suas possibilidades, destronada quando se tornou incapaz de explorá-las, ela volta a encontrar no mundo moderno sua igualdade com o homem" (BEAUVOIR, 2009, p. 76).

Seria esse o único obstáculo à igualdade entre os sexos? Absolutamente, não, pois há muito mais a ser considerado quando o assunto é a superação das diferenças entre os gêneros. Ao discorrer acerca do ponto de vista do Materialismo histórico⁵ sobre a relação de opressão entre os sexos, Simone de Beauvoir declara que a mulher "reflete uma situação que depende da estrutura econômica da sociedade, estrutura que traduz o grau de evolução técnica a que chegou a humanidade" (BEAUVOIR, 2009, p. 79). Esta premissa, sob a óptica de uma sociedade machista e capitalista, encerra a mulher a um cativo que a impede de exercer plenamente sua liberdade enquanto ser capaz de transcender-se, isto é, de encontrar um sentido para a sua existência em projetos que vão além do que é convencionalmente socialmente para as mulheres, como o casamento, a maternidade e uma rígida submissão ao seu marido.

É válido mencionar, no entanto, que essa relação de domínio e submissão entre os sexos tampouco restringe-se ao momento histórico em que o capitalismo se tornou o sistema econômico predominante. Sobre a interação entre homens e mulheres na Grécia Antiga, Santos (2016, p. 6) conta que

[...] a construção destas relações se deu por meio de uma configuração social que legitimava uma posição secundária da mulher em diversos aspectos, fossem relacionados à vida pública ou à vida privada. Neste sentido, em muitas situações, a mulher era tipificada como incapaz, necessitando, portanto, da tutela masculina. Muitas das fontes que ajudaram a construir a imagem e a posição secundária da mulher eram possuidoras de grande poder de persuasão e de convencimento, como a religião, a família e o suporte doutrinário dos principais pensadores daquele tempo. A mitologia, em especial, veiculava inúmeros mitos nos quais a mulher, em seu "estado selvagem", era mostrada como perigosa e danosa para a humanidade. Assim, era considerado um elemento fraco e impotente para responder por si às ameaças que a cercavam e de manter suas escolhas nos casos em que estas fugiam à norma social. Para "domar" uma mulher, era necessário casá-la assim que estivesse biologicamente pronta para isso, pois somente sob a tutela masculina a mulher estaria protegida dela mesma e não se tornaria um perigo para a sociedade. (SANTOS, 2016, p. 5)

Retoma-se aqui o fato de que a mulher passou a servir, exclusivamente, aos interesses do patriarcado, pois era determinado que esta permanecesse em casa, a frente dos afazeres domésticos e da criação dos filhos, sem direito a opinar sobre a ordem social em que fora inserida (JACOMEL E PAGOTO, 2008, p. 3).

Qualquer tentativa de expressar opiniões ao sistema vigente era considerada uma

⁵ "O método materialista histórico-dialético caracteriza-se pelo movimento do pensamento através da materialidade histórica da vida dos homens em sociedade, isto é, trata-se de descobrir (pelo movimento do pensamento) as leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens durante a história da humanidade." (PIRES, 1997, p. 87)

transgressão passível de punição e afronta aos preceitos morais, majoritariamente regidos por valores religiosos, os quais favoreciam a superioridade masculina. Diante disso, lutar contra a objetificação feminina era lutar contra o sistema, por conseguinte, era um ato classificado como traição, por isso, não se permitia às mulheres o acesso à educação básica (habilidades de escrita e leitura). Essa postura contrária à resistência, era uma forma de coibir a emergência fortuita de pensamentos e, conseqüentemente, de posicionamentos antagônicos ao discurso masculino de dominação.

Dentro do contexto da literatura, os aspectos descritos, anteriormente, refletiram-se no que foi realizado ao longo dos séculos. A título de exemplo, consideremos as cantigas galego-portuguesas produzidas durante o Trovadorismo, movimento literário datado do século XI. Nas cantigas de amigo, a temática central era o sofrimento amoroso de uma moça que, em geral, ansiava pelo regresso de seu amado, a quem a presença era considerada indispensável para sua felicidade plena e realização pessoal. O eu lírico desse gênero, obviamente, era feminino, entretanto, o autor era masculino. Não havia representatividade feminina entre os trovadores, já que eram homens que davam voz aos sentimentos e necessidades femininas. Faziam isso com o fito de reforçar o senso de dependência feminina em relação a uma figura masculina.

Entre os séculos XVI e XVII, o escritor e dramaturgo William Shakespeare (1564-1616), escreveu uma de suas peças mais conhecidas, *Hamlet*. Dentre as suas personagens, destacamos a jovem Ofélia, que mantém um relacionamento discreto com o protagonista, o príncipe Hamlet. Embora seu pai e seu irmão demonstrem ter conhecimento do que se passa entre o príncipe e ela, Ofélia não conta a eles sobre o envolvimento amoroso, destoando de seu comportamento, usualmente, recatado e obediente (CLEMENTE, 2017, p. 16). Sobre esta atitude, Gonçalves (2011, p. 10, apud CLEMENTE, 2017, p. 16) diz que

[...] essa submissão está de acordo com os princípios sociais da época elisabetana. Shakespeare sugere que os papéis sociais desempenhados pelo homem e pela mulher não são comportamentos determinados apenas biologicamente, mas, também, influenciados por padrões culturais passíveis de mudança. No tocante à construção de Ofélia, desde o início da peça fica evidente o conflito entre a máscara exterior, socialmente construída, e o “eu” interior reprimido da personagem. (GONÇALVES, 2011, p.10, apud CLEMENTE, 2017, p. 16)

Posto isto, a personagem shakespeariana representa a mulher de seu tempo, cujas características, citadas outrora, refletem o tratamento desigual conferido às mulheres, tendo em consideração sua posição inferior em comparação aos homens, no contexto histórico-

social de produção da obra de Shakespeare.

Já no século XVIII, quando o Arcadismo estava em plena vigência em Portugal, Bocage (1765-1805), um dos maiores representantes do movimento, se tornou bastante conhecido por sua produção literária de cunho erótico. No artigo *A representação feminina em Bocage: a receptora tonalidade dependente do receptor*, de Flávia Giacobbo Ribeiro, é possível observar de que maneiras a figura feminina é retratada nos poemas deste escritor português, de acordo com o seu interlocutor.

Ribeiro (2019) escolheu dois poemas e os comparou, não só em termos de conteúdo, mas, principalmente, levando em conta seus receptores. São eles: *Descrevendo os encantos de Marília* e *Soneto da amada gabada*. A princípio, ambos parecem similares, visto que objetivam descrever uma mulher. No entanto, o que difere um poema do outro é o interlocutor do sujeito poético, seu receptor (RIBEIRO, 2019, p. 4).

O primeiro poema, *Descrevendo os encantos de Marília*, “segue um tom de declaração de amor, como um cortejo feito diretamente para o objeto de observação do poema, sua amada Marília.” (RIBEIRO, 2019, p. 4) Nele, o locutor compara sua amada às figuras da mitologia romana, “colocando-a acima da veneração que recebem esses deuses.” (RIBEIRO, 2019, p. 5)

Em contraste a este tratamento pomposo, no poema *Soneto da amada gabada*, a mulher de quem se fala nem mesmo é identificada por nome, ao contrário do interlocutor, a quem o locutor chama de ‘Josino’, conforme o primeiro verso. O poema nada mais é do que a fala de um homem que se vangloria a um amigo por causa de uma mulher bonita, cujos atributos físicos, descritos ao longo do poema, são exaltados com certo exagero, como que para granjear a aprovação do amigo ouvinte, e que diminuem a moça a um objeto sexual, privando-a de ter sua intimidade respeitada.

Esses exemplos mostram que, no que tange a intencionalidade dos dois discursos e aos seus receptores, pode haver uma grande discrepância no modo de se referir a uma mulher. Especificamente em *Soneto da amada gabada*, o tom de gabação do eu lírico ao se referir a sua amante e sua maneira indecorosa de descrevê-la ao seu amigo, evidenciam que, a objetificação do corpo da mulher não é uma questão da atualidade, mas algo que perdura por séculos no contexto das relações humanas, podendo ser um reflexo do machismo que impera na sociedade. Além disso, essas produções literárias continuavam a ser feitas, em sua maioria, por homens, significando um infortúnio duplo para o chamado ‘sexo frágil’.

Muitos anos à frente, porém, durante o século XIX, o Romantismo/Realismo inglês configurou um novo tempo para a luta feminina pela igualdade, apesar dos percalços. Desse modo, grandes autoras, embora reconhecidas tardiamente, trouxeram uma nova roupagem ao

comportamento feminino: As irmãs Emily, Anne e Charlotte Bonnet inovaram com suas protagonistas de forte moral - *Jane Eyre* (1847), de Charlotte, representa o desejo feminino por independência e pela realização pessoal baseada na educação, no trabalho e, principalmente, na liberdade de ver o mundo e posicionar-se sobre ele, atitude considerada masculina demais naquele tempo. A obra *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen, também expressou críticas ao estilo de vida considerado adequado a uma mulher - casar-se com um homem financeiramente bem-sucedido, ter filhos e manter uma reputação impecável diante da comunidade.

A própria ideia do casamento arranjado é posta em xeque, visto que é uma clara imposição do patriarcado sobre as mulheres, que nem mesmo podiam casar-se com quem amavam, pois isto seria ir de encontro aos desejos de seu tutor, ou seja, de seu pai, que enxergava nas filhas a oportunidade de ganho financeiro por meio de um 'bom casamento'. É interessante destacar que nesse ponto da história, a Europa atravessava o período momentoso da Revolução Industrial, que foi um divisor de águas na forma de se fazer as coisas, e o primeiro passo para o que Beauvoir afirmou ser a solução para a desigualdade entre gêneros, o que ela chamou de "entrada de todo o sexo feminino na atividade pública". Foi exatamente nessa época que as mulheres começaram a sair de seu "cativeiro", fato que demonstra os primeiros passos da implantação do sistema capitalista, na qual

[...] tanto a mulher quanto outros membros da família foram integrados no mercado de trabalho, possibilitando um aumento substantivo na força de trabalho disponível. Todavia, isso também impôs uma nova dinâmica dentro do próprio sistema de produção, elevando o grau de exploração da classe trabalhadora e sinalizando um momento singular do processo histórico contemporâneo. (CAVALCANTI, 2005, p. 246)

O 'momento singular', a que Cavalcanti faz referência, é justamente o período em que a incorporação da mão de obra feminina é requisitada nas fábricas. Nesse contexto, por causa das condições insalubres de trabalho, vários movimentos em protesto aos abusos sofridos no ambiente laboral despontaram pelo mundo, demonstrando que "o combate deixou de ser específico e vinculado somente à questão de sexo, mas se configurou como um fator de preocupação em âmbito mundial" (CAVALCANTI, 2005, p. 246).

Refletindo neste período de grandes transformações no cenário mundial, a literatura mais uma vez adaptou-se à realidade vivida pela humanidade. Assim, no início do século XX, o Modernismo, movimento literário cujo pressuposto era o rompimento com as tradições e a reinvenção da forma de produzir arte por meio do pensamento crítico, buscou trazer à tona as

desigualdades sociais, os problemas gerados pelo capitalismo e pelos avanços tecnológicos e intelectuais.

Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e, também, a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), as enfermidades morais que afligiam a raça humana viraram a pauta de renomados escritores ao redor do globo. Dentre eles, várias mulheres que se propuseram a lutar, utilizando o poder do discurso como arma.

Agatha Christie (1890-1976), a rainha do crime, ganhou fama por suas produções no romance policial, gênero no qual inovou ao trazer à luz a irreverente Miss Marple, uma detetive amadora que nunca se casou e que possui uma mente afiada para a resolução de crimes no vilarejo inglês onde mora.

Virginia Woolf (1882-1941), escritora inglesa modernista, conhecida por revolucionar ao empregar em suas obras a técnica do fluxo de consciência de suas personagens, como na obra *Mrs. Dalloway*, para tecer críticas aos aspectos da vida cotidiana, tratou de vários assuntos, inclusive, o papel da mulher na sociedade, o que confere um caráter feminista à sua escrita.

Na contemporaneidade, a presença de mulheres no meio literário é ainda mais forte, sendo este fato atribuído ao avanço notório que se alcançou ao longo das décadas em relação ao direito feminino à educação, ao trabalho, à sexualidade e à autonomia para decidir o próprio destino.

O primeiro volume da extensa série de livros '*A Phryne Fisher Mystery Series*', intitulado *Miss Phryne Fisher Investigates*, ou *Cocaine Blues*, como chama a própria autora, é o tema deste estudo, o qual apresenta a protagonista Phryne Fisher, uma socialite australiana que representa a mulher moderna em um mundo ainda resistente à modernidade, quando se trata da visão relacionada às mulheres.

Ao abordar diversas faces reveladas pelas mudanças da modernidade, retratadas no enredo, Greenwood demonstra como, mais uma vez, a literatura vem acompanhando as tendências sociais em alta, contribuindo para o progresso no tratamento de questões relativas aos direitos das mulheres e de outros grupos, ao provocar nos leitores a reflexão crítica e o desejo de agir a favor de mudanças.

Até aqui, falamos sobre a literatura contemporânea enquanto instrumento de humanização e de apelo político-social, demonstrando, por intermédio de diversas produções literárias direcionadas às mulheres, escritas por mulheres ou protagonizadas por mulheres, que essas representações podem influenciar a maneira como uma sociedade encara os indivíduos do sexo feminino, o que repercute na dinâmica social em que eles estão envolvidos. Ademais,

todos esses exemplos elucidam o protagonismo feminino em erupção e revelam a capacidade da mulher para alcançar feitos que trazem transformações ao contexto social.

De agora em diante, as aventuras da Honorável Senhorita Phryne Fisher em *Cocaine Blues* serão narradas para fins de contextualização e, posteriormente, se seguirá a análise da obra com base nos pressupostos de Simone de Beauvoir em *O Segundo Sexo* e nos moldes propostos por Antonio Candido em *Literatura e Sociedade*.

3 COCAINE BLUES: O INÍCIO DE UMA SAGA FEMININA

3.1 Do tédio de Londres para uma aventura na Austrália: a jornada glamurosa de Phryne Fisher em *Cocaine Blues*

A década de 80, do século passado, vivia seus últimos momentos quando Kerry Greenwood trouxe à luz a personagem Phryne Fisher, uma representação da mulher moderna em um mundo revirado pela primeira grande guerra e impulsionado pelas novas tendências em todos os campos da vida humana, o que incluía os primeiros passos da mulher rumo a uma autonomia nunca vivida.

Nascida na Austrália, em janeiro de 1900, Phryne Fisher passou a infância na cidade de Melbourne, cercada por condições de miséria e privação, conforme nos relatam os trechos a seguir:

- [...] Claro, você não saberia disso. Você não sabe como é, com todo respeito. Você nunca teve que passar fome.
- Oh, sim, eu tive – disse Phryne severamente. – Eu passei fome como um Billy-o.⁶ Minha família não tinha dinheiro algum até os meus doze anos. (GREENWOOD, 2013, p. 38, tradução nossa).

Quando tinha 12 anos de idade, seu pai herdou um título da nobreza britânica após a morte de seus três parentes que estavam à frente, na linha de sucessão, o que tirou a família da jovem Fisher da pobreza e deu-lhes um lugar de destaque na vida social em Londres, Inglaterra, país onde passaram a morar definitivamente.

Apesar de todos os benefícios trazidos com essa abrupta ascensão social, Phryne não se tornou uma mulher superficial ou arrogante. Como filha de um barão, ela cumpria uma agenda infinita de compromissos relacionados ao título, embora sua natureza livre e aventureira a atraísse para o lado oposto a tudo isso.

Cocaine Blues, o primeiro livro da série, começa a sua narrativa com uma situação um tanto inusitada, que ocorre durante um baile da alta sociedade, no qual Phryne e sua família estão presentes. "O vidro da janela francesa se estilhaçou. Os convidados gritaram. Por cima da comoção geral, ouviu-se o grito estridente de Madame St. Clair, esposa do embaixador 'Céus! Minhas joias!!'" (GREENWOOD, 2013, p. 1, tradução nossa)⁷. Um colar de diamantes foi roubado! Os gritos da vítima sobressaiam os murmúrios dos convidados.

⁶ *Like a Billy-o*: expressão idiomática britânica que significa "intensamente, fortemente".

Phryne, demasiadamente entediada por causa de uma conversa insossa com um coronel indiano aposentado e com um jogador amador de críquete, vê no incidente uma oportunidade de demonstrar seus talentos – e de fugir do desagradável assento onde fora colocada naquela noite. Naturalmente curiosa, ela analisa com minúcia a cena do crime e consegue desvendá-lo com rapidez, deixando todos admirados com sua ávida façanha de resolver um caso, o qual levaria tempo até que fosse solucionado. “[...] ‘Você é uma jovem afiada. Meus cumprimentos! Viria ver minha esposa e eu amanhã? Um assunto privado? Você pode ser exatamente a garota que estávamos procurando, Deus me abençoe!’” (GREENWOOD, 2013, p. 4, tradução nossa). Seu ato notável logo traz reconhecimento para si.

O velho coronel e a esposa convidam a senhorita Fisher para tratar de um assunto delicado, envolvendo a filha, a quem chamam de Lydia. Eles, então, relatam seus pensamentos sobre a misteriosa enfermidade que a jovem enfrentava – apesar de acreditarem que seu genro, John Andrews, era um bom marido, suspeitavam que ele tinha algo a ver com o estado de saúde de Lydia, que havia passado algum tempo em Paris para tratamento, mas que adoecera novamente ao retornar para sua casa, em Melbourne, junto ao marido. Intrigada pelo que ouvia, a senhorita Fisher resolve ajudá-los a investigar o que estava acontecendo. Para isso, ela volta à Austrália, depois de tantos anos. E é, neste país, que a narrativa começa a tomar forma e passamos, então, a conhecer a personagem em seus muitos aspectos de personalidade.

Ao chegar em sua terra natal, Phryne depara-se com uma Melbourne cosmopolita, bastante diferente do que ela se lembrava:

[...] O livrinho na cabine informou a Phryne que Melbourne era uma cidade moderna. A maior parte tinha esgoto, água e, em alguns casos, eletricidade instalada, e havia transporte público na forma de trens e bondes. A indústria estava crescendo, e carros, caminhões e motocicletas superavam o transporte a cavalo em trinta para um. A maioria das ruas era macadamizada e a cidade era bem servida com uma universidade, vários hospitais, um campo de críquete, o Athenaeum Club e um Royal Arcade. Os visitantes foram convidados a assistir às corridas de Flemington ou ao futebol. (Collingwood foi a estreia do ano passado, afirmava o panfleto, para completa perplexidade de Phryne.) As senhoras apreciariam um passeio pelo Block Arcade, o destaque comercial da cidade, e admirariam a interessante adição de Walter Burley Griffin à Collins House. O Menzies, o Scott's ou o Hotel Windsor eram recomendados para passageiros de primeira classe. [...] (GREENWOOD, 2013, p. 11-12, tradução nossa).

Com o progresso, obviamente, também veio o caos. Ao andar pelas ruas da cidade, a

senhorita Fisher logo nota certa semelhança com a grande e agitada Londres e suas mazelas. "[...] Isso a lembrou da Harley Street e de Londres, embora as multidões fossem mais barulhentas aqui, e mais limpas, e houvesse menos mendigos. [...]" (GREENWOOD, 2013, p. 18, tradução nossa). E é dentro desse cenário que o desenvolvimento da história começa a se desenrolar, ramificando-se em pequenos conflitos que, à primeira vista, parecem desconexos.

A partir do terceiro capítulo, tem-se a história de Alice Greenham, uma garota vítima de um aborto criminoso. Com a ajuda de Cecil Yates e Albert Johnson, motoristas de um velho táxi, Alice chega ao hospital *Queen Victoria* e é atendida por Elizabeth MacMillan, uma médica escocesa que é apresentada ao leitor, no segundo capítulo, como grande amiga de Phryne Fisher. No mesmo capítulo, é introduzida a personagem Dorothy Bryant⁸ – trata-se de uma jovem à procura de vingança, em razão ter sido humilhada em seu local de trabalho, por conta de uma falsa acusação de assédio; Dorothy, além de ser vítima de importunação por parte do filho de sua antiga patroa, foi dispensada com uma reputação manchada e sem nem mesmo receber o salário devido.

Na sequência dos fatos, Phryne, notando que a moça estava à espreita de alguém, no restaurante do mesmo hotel onde está hospedada, resolve intervir. Ela convida a moça para uma refeição e, então, tenta extrair dela alguma informação sobre sua presença ali. A senhorita Bryant conta tudo a ela, que se comove com a injustiça sofrida pela mais jovem e lhe faz uma proposta. "Escute, eu preciso de uma empregada e vou contratá-la. Estou hospedada no Windsor, sou bastante respeitável [...]" (GREENWOOD, 2013, p. 25, tradução nossa). Deste momento em diante, Dorothy passa a trabalhar para a senhorita Fisher, acontecimento que se mostra uma grande melhoria de vida na vida da personagem – e desencadeia uma grande aventura – ao longo da história.

No capítulo seis, Phryne comparece a uma festa oferecida por Melanie Cryer, membro da alta sociedade de Melbourne. Durante o evento, a senhorita Fisher conhece Sasha de Lisse, um dançarino russo cuja admirável beleza e talento chamam a atenção da protagonista, instantaneamente. "Mas a senhorita é magnífica!" (GREENWOOD, 2013, p. 63, tradução nossa), ele diz ao cumprimentá-la, demonstrando que a atração era mútua e potencialmente promissora.

Na sequência, a figura de Lydia Andrews finalmente vem à tona, despertando a curiosidade da recém-chegada senhorita Fisher:

[...] Lydia Andrews estava bem-vestida e havia sido maquiada por um

⁸ Também conhecida como Dorothy Williams.

especialista, mas tão flácida e sem vida que parecia uma boneca. Ela tinha cabelos claros e encantadores e penas de avestruz cor-de-rosa enroladas infantilmente sobre a testa. Ela usava um vestido lindamente bordado em rosa antigo e um longo colar de pérolas cor-de-rosa que chegava até os joelhos. [...] (GREENWOOD, 2013, p. 65, tradução nossa)

Phryne estranha a aparência infantilizada da investigada, concluindo que em nada lembrava a moça das cartas mostradas a ela durante a sua visita à casa do coronel Harper, na Inglaterra, exceto pelo olhar desconfiado e perscrutador com que Lydia a recebe, quando ambas são apresentadas. Uma conversa se segue: a senhorita Fisher lança questionamentos sutis para tentar entender o estranho comportamento tanto de Lydia quanto de seu marido, que havia se distanciado para falar com outros convidados. Phryne a julga como uma mulher “[...] frágil e totalmente implacável, que desgastava amigo após amigo com suas demandas emocionais, sempre doente, exausto e maltratado [...]” (GREENWOOD, 2013, p. 67, tradução nossa). Embora não lhe fosse agradável, a senhorita Fisher, por puro interesse em obter informações para a sua tarefa de investigá-la, permite-se ser capturada pela “armadilha emocional” que a senhora Andrews representava. Dessa maneira, elas tornam-se “amigas”.

Na mesma noite, Phryne aceita o convite de Sasha para uma dança: os dois, numa mistura de desejo e cautela, arrancam aplausos do público com sua apresentação de tango, mas ela logo percebe que há algo mais no interesse entusiasmado do sensual dançarino. Interrompendo a dança, Sasha a conduz até o local onde uma velha senhora está sentada em uma grande cadeira dourada, enquanto serve-se de caviar russo e aprecia o movimento ao seu redor. Trata-se da avó do jovem, a quem o livro apresenta como ‘The Princesse de Grasse’, e que se mostra a par do motivo da volta de Fisher à Austrália e confessa necessitar dos serviços da recém-iniciada detetive para um assunto particular:

- [...] Temos algo a fazer, e acreditamos que você possa nos ajudar. Você está investigando a estranha doença daquela garota em rosa, não está? Coronel Harper – ele é um velho amigo meu. [...] Você suspeita da neve, não é?
- Cocaína? – perguntou Phryne, surpresa com a pergunta. Não havia passado por sua cabeça que Lydia fosse uma viciada em drogas.
- Viemos de Paris em busca do tráfico – afirmou a velha calmamente. – [...] Acreditamos que ele está aqui e você vai nos ajudar a encontrá-lo. Não concorda com isso?
- É uma vingança pessoal?
- Mas sim – disse a princesa. - É claro. Minha filha morreu disso. Ela era a mãe dessas crianças.
- O que você quer que eu faça? – Phryne perguntou.
- Diga-nos se você encontrar alguma coisa. E venha comigo, pela manhã, ao banho turco de Madame Breda.
- Mas não suspeito da neve – disse Phryne.

– "Talvez você devesse", disse a princesa. [...] (GREENWOOD, 2013, p. 70-71, tradução nossa)

No dia seguinte, conforme prometido, Phryne encontra-se com a velha russa no estabelecimento combinado – o banho turco da Madame Breda, uma espécie de SPA. Entretanto, a senhorita Fisher descobre que o local oferece mais serviços do que os cuidados convencionais de beleza e de estética, quando, durante um banho de imersão em leite e em aveia, a atendente insiste em tocar seus mamilos e suas partes íntimas. Ela recusa a ação, mas não a oportunidade de saber mais sobre aquele lugar e sua possível relação com Lydia Andrews. Tão logo decide esgueirar-se por ali, Phryne presencia um momento curioso:

[...] Madame Breda tinha ido embora; a princesa e Gerda estavam entrando na sala. Phryne, embora apurasse os ouvidos, não conseguiu ouvir o que diziam, mas viu um pacote mudar de mãos, e Gerda enfiou um maço considerável de dinheiro nas reentrâncias escuras de seu traje. [...] (GREENWOOD, 2013, p. 93, tradução nossa)

Phryne compra o pequeno pacote sob posse da Princesa russa e, para testar se estava sendo alvo de incriminação, envia-o à doutora MacMillan, para posterior análise. O fato é confirmado, quando dois policiais vão ao hotel Windsor para executar um mandato de busca por drogas, e Dorothy encontra um pacote escondido em cima do armário. A senhorita Fisher descarta-o rapidamente pela privada e, então, permite a entrada dos agentes para a busca. No ato de busca efetivado pelos dois, somente um pequeno pacote contendo bicarbonato de sódio foi encontrado num casaco de Phryne.

Diante desse fato, ela, então, critica os agentes pela situação constrangedora a que foi submetida e exige que, para que seja revistada, os próprios agentes sejam revistados igualmente. Um deles mostra-se receoso à ação e faz de tudo para tentar convencer seu superior a não dar ouvidos àquele pedido “vergonhoso”. Na revista, descobre-se um pacote idêntico ao que Phryne havia descartado, o embrulho estava escondido sob as roupas de um dos agentes. Ele justifica o fato de estar portando o produto, dizendo ter sido coagido a plantar uma evidência naquele quarto de hotel.

Fisher, por conseguinte, confirma a sua suspeita e pede ao Detetive Inspetor Jack Robinson, o encarregado da delegacia de polícia da Russel Street, alguns dias para finalizar a procura por respostas, sem interferência policial. Trato firmado, ela retorna às ruas e segue as pistas que havia conseguido.

De agora em diante, a leitura nos conduz ao clímax e ao desfecho da trama. Ao avançar a investigação, Phryne descobre que o SPA de Madame Breda é palco das ações do

chamado *Rei da Neve*, o líder do contrabando de cocaína em Melbourne e responsável pela morte da mãe de Sasha. Lydia Andrews revela-se a pessoa por trás do nome, deixando o jovem russo estupefato. Em contraste, Phryne não se surpreende nem um pouco e revela que Lydia estava consumindo arsênico por conta própria para incriminar seu marido, a quem planejava envenenar para, então, herdar a sua fortuna, sem levantar suspeitas. No fim, ela é presa por sua conduta criminosa.

A captura do abortcionista conhecido pela polícia como “Açougueiro George” é realizada por Cecil e Albert, os motoristas do táxi do início da história, em conjunto com a agente policial Jones. O “açougueiro” é levado à justiça, e Alice Greenham recebe alta do hospital depois de uma intensa luta pela vida.

Phryne convida seus novos amigos – Sasha, Dorothy, Cecil e Albert, além de Elizabeth MacMillan, o Detetive Inspetor Jack Robinson e a agente Jones – para uma refeição alegre em celebração às conquistas do grupo.

– Parece que me estabeleci como investigadora – refletiu ela, considerando o pensamento com seriedade. – Isso poderia ser muito divertido. Enquanto isso, há champanhe e Sasha. Saúde!’ – exclamou ela, segurando um copo cheio. A vida estava muito boa. (GREENWOOD, 2013, p. 195, tradução nossa).

Ali, naquele momento de celebração, ela institui oficialmente sua profissão como detetive, brindando à vida nova que ganhara na Austrália.

3.2 A honorável senhorita Fisher, *lady detective*: protagonismo feminino em foco

Uma análise do protagonismo feminino presente na obra inaugural da série assinada por Kerry Greenwood carrega inúmeras questões passíveis de discussão. Neste estudo, dois aspectos são trazidos à atenção: a relação da personagem com as questões relativas à sexualidade e ao casamento e os desafios do processo de emancipação feminina.

Ao discutir sobre o contexto histórico envolvido no processo de evolução feminina, Beauvoir (2009, p. 121) afirma que “a mulher mais plenamente integrada na sociedade é a que possui menor número de privilégios.” Em que sentido isso se dá? “Sua desgraça consiste em ter sido biologicamente votada a repetir a Vida, quando a seus próprios olhos a Vida não apresenta em si suas razões de ser, e essas razões são mais importantes do que a própria vida.” Segundo ela, o casamento, uma instituição social imposta, em benefício da dominação masculina, restringe a mulher a um papel puramente objetificado, cuja importância se limita à

sua capacidade de gerar descendentes.

Nessa direção, é um fato histórico que a sexualidade feminina sempre foi vista em segundo plano, em detrimento das necessidades masculinas de procriação e de satisfação sexual. Conforme Beauvoir (2009, p. 508) aponta, “é o código masculino, é a sociedade elaborada pelos homens em obediência a seu interesse, quem definiu a condição feminina sob uma forma que é, presentemente, uma fonte de tormentos para ambos os sexos.”

Dessa maneira, é natural que a cada tentativa de exigir seu direito à liberdade de escolha com respeito ao casamento, à maternidade e à sexualidade, a mulher encontre uma grande resistência por parte de uma sociedade moldada nos preceitos do patriarcado, que há muitos séculos impõe às mulheres o que fazer ou não fazer.

No caso de Phryne Fisher, a sexualidade ocupa um lugar destacado na vida da personagem e parece ser o agente norteador de suas decisões em geral. Não se fala aqui apenas da sua visão sobre as relações sexuais ou sobre o casamento, mas também sobre sua consciência e sua concepção de mulher livre, segundo a qual as convenções sociais exercem pouca ou nenhuma influência.

Acerca dessa realidade, nos primeiros capítulos da narrativa, Phryne conhece o exímio dançarino russo Sasha De Lisse, a quem se sente sexualmente atraída de maneira instantânea. No decorrer da trama, o ato sexual entre os dois é consumado. Porém, enquanto Sasha começa a desenvolver sentimentos que vão além da luxúria e de uma aventura passageira, Fisher demonstra não estar interessada em mais do que isso.

Observe-se o excerto: “Uma coisa, porém, ela jurou. Sasha não tiraria um centavo de sua bolsa, e ela não se casaria com ele. Ser explorada era o destino de muitas mulheres, mas Phryne não seria uma delas se pudesse evitar.” (GREENWOOD, 2013, p. 124, tradução nossa). Nesse trecho, nota-se que sua recusa ao casamento é mais do que um capricho de uma mulher promíscua, tendo-se em vista que Phryne demonstra ser bem consciente do efeito opressor que o casamento exercia sobre a vida das mulheres, sendo este um preço alto demais a ser pago pela liberdade de alguém. Ademais, tampouco ela se preocupa com a visão religiosa sobre o assunto – ela professa ser membro de uma denominação religiosa e até admite pecar tanto pela falta quanto pelo excesso, mas em nenhum momento sente-se dissuadida a praticar coisas que vão contra a moral e os bons costumes da sua época.

Outra questão ligada à sexualidade da personagem é a noção de planejamento familiar, um tópico especialmente sensível em uma sociedade predominantemente conservadora, como a retratada por Greenwood em *Cocaine Blues*, conforme o trecho:

— Talvez você dê à luz meu filho, comentou Sasha. Phryne sorriu. Certamente estava tomada pela paixão, mas seu diafragma estava no lugar desde a noite anterior. Ela sempre teve uma visão realista de sua capacidade de resistir à tentação. (GREENWOOD, 2013, p. 103, tradução nossa)

Discorrendo sobre as condições que devem ser alcançadas para que uma mulher se torne verdadeiramente livre, Beauvoir (2009, p. 709) diz que “a mulher independente está hoje dividida entre seus interesses profissionais e as preocupações de sua vocação sexual; tem dificuldade em encontrar seu equilíbrio; se o assegura é à custa de concessões, de sacrifícios, de acrobacias que exigem dela uma perpétua tensão.”

Em outros termos, para que uma mulher seja bem-sucedida em sua vida profissional e/ou acadêmica sem muitos obstáculos, ela precisa renunciar às preocupações de sua vocação sexual, como a maternidade, por exemplo, considerando-se que o tempo e energia dispensados ao cuidado de uma criança, em geral, advém da mãe, tornando mais difícil que ela concilie suas obrigações como genitora com a vida profissional.

A maneira como Phryne entrega-se às atividades sexuais, tomando o devido cuidado para evitar uma gravidez indesejada, “reflete as ideias liberais da Era do Jazz. Ela está familiarizada com o controle de natalidade de Marie Stopes⁹ (disponível em Londres desde 1921)” (JOHNSON-WOODS E FRANKS, 2015, n.p., tradução nossa)¹⁰. De fato, o comportamento da personagem é um reflexo da filosofia de vida do pós-guerra, a chamada ‘Era das Melindrosas’, como já citado em seções anteriores.

Com origem nos Estados Unidos, a Era das melindrosas marcou o nascimento de um novo tipo de mulher:

Ela usava batom e blush, cortava o cabelo em um estilo curto e rombudo chamado bob e tirava as sobrancelhas. Ela dirigia carros, ia ao cinema e bebia. As roupas eram leves e confortáveis. A libertação sexual das mulheres deu um primeiro passo quando a defensora do controle da natalidade, Margaret Sanger, abriu a primeira clínica de controle de natalidade em Nova York. (RUBIO E CONESA, 2012, p. 5, tradução nossa)¹¹

Essa nova maneira de levar a vida logo se espalhou pelo mundo, e com ela, uma visão mais moderna sobre o sexo e a maternidade. Foi nessa época que começaram a surgir

⁹ Marie Stopes foi uma defensora do controle da natalidade que, em 1921, fundou a primeira clínica instrucional de contracepção do Reino Unido.

¹⁰ “Fisher’s sexuality reflects the liberated ideas of the Jazz Age. She is familiar with Maria Stopes’ birth control (available in London since 1921) [...]”

¹¹ She wore lipstick and rouge, she cut her hair into a short, blunt style called a bob and plucked her eyebrows. She drove cars, went to movies, and she drank. Fashions were lightweight and comfortable. The sexual liberation of women took a first step when birth-control advocate Margaret Sanger opened the first birth-control clinic in New York.

métodos contraceptivos mais seguros e, para as mulheres em condições de obtê-los, isso representou uma razão ainda mais forte para o engajamento em relações casuais, mesmo que malvistas pela parcela mais tradicional da sociedade da época e, principalmente, pela Igreja Católica e sua posição inversa à contracepção.

A protagonista de Greenwood, a despeito do que se esperaria de uma mulher em suas circunstâncias, demonstra conhecer o direito que possui sobre o próprio corpo e o poder de escolha que tem em suas mãos, fazendo uso de qualquer artifício que lhe pareça adequado para que usufrua de sua liberdade.

Em relação a emancipação feminina, o enredo apresenta duas atitudes da protagonista: a necessidade de independência que Phryne expressa logo no primeiro capítulo e a consolidação de sua profissão como uma ‘mulher detetive’, comportamentos que a colocam como sujeito da história, e não como ser assujeitado.

[...] Ela não queria ficar na casa do pai fazendo arranjos de flores. Ela havia tentado o serviço social, mas estava cansada dos ensopados, das vadias e da fome de Londres, e a companhia das Mulheres Caridosas não era boa para seu temperamento. Muitas vezes ela pensara em viajar de volta para a Austrália, onde nascera em extrema pobreza, e ali estava uma excelente desculpa para adiar as decisões sobre seu futuro por meio ano. (GREENWOOD, 2013, p. 5, tradução nossa)

— Bem, tentarei ser uma perfeita detetive em Melbourne, o que deve ser bastante difícil — e talvez algo se sugira. Se não, ainda posso pegar a temporada de esqui. Afinal, pode ser divertido. (GREENWOOD, 2013, p. 9, tradução nossa)

Outra vez a personagem exhibe perfeita noção da realidade social na qual está inserida: Phryne possui determinação e coragem suficiente para deixar a casa de seu pai, em Londres, para viver uma aventura na Austrália; ao mesmo tempo, ela é capaz de reconhecer que ser uma detetive lhe traria muitas dificuldades, em razão de sua busca por uma vida, além do casamento e da maternidade, que eram as únicas pretensões esperadas para uma mulher naquela sociedade.

No entanto, é imprescindível discutir alguns fatores ligados à constituição da personagem para entender como estes influenciam em sua busca por independência, enquanto mulher.

Primeiro, as vantagens que seu título de nobreza conferem ao seu trabalho como detetive. O conflito principal de *Cocaine Blues*, a investigação sobre o marido de Lydia Andrews, surge da interação entre Phryne e os pais da jovem, ambos membros da alta sociedade londrina. Na condução da investigação, já em terras australianas, Fisher visita

lugares privilegiados – como a festa da socialite Melanie Cryer e o Banho Turco de Madame Breda – e de lá obtém informações com facilidade. Ainda, ela consegue a colaboração de um agente de polícia durante sua investigação, algo não muito usual naquela época, visto que a profissão de detetive se restringia aos homens. Sobre essas comodidades, Johnson-Woods e Franks (2015, n.p.) menciona:

Ela faz parte do grupo inteligente e está além de qualquer crítica – sua posição social permite suas excentricidades. Ela é convidada para os melhores eventos sociais [...] e pode passar pela burocracia, pois tem acesso a pessoas poderosas. Fisher pode evitar muitos dos costumes sociais da época. Ela não precisa nem busca a aprovação da sociedade. Ela se move com facilidade entre os meninos de rua que a ajudam e as salas de estar dos ricos e famosos com seus inúmeros segredos a esconder. É, talvez, sua riqueza que define mais seu caráter do que seu gênero. (JOHNSON-WOODS E FRANKS, 2015, n.p., tradução nossa)¹²

É nítido, portanto, que sua posição social – uma mulher branca, abastada, instruída, membro da aristocracia britânica – constitui-se como uma grande conveniência para a sua empreitada na posição de *Lady detective* e, conseqüentemente, na sua busca por emancipação.

O segundo fator, que está correlacionado ao que discutimos acima, é a situação financeira da Senhorita Fisher. Falando sobre o que a fortuna proporciona à heroína de Greenwood, Johnson-Woods e Franks (2015, n.p.) explica:

A riqueza fornece acesso a informações, bens e serviços. O dinheiro a coloca fora das restrições limites geralmente associados às mulheres. [...] riqueza significa que Phryne pode saciar sua propensão para a investigação – ao contrário do detetive particular, cuja principal motivação é o dinheiro ou o policial, que investiga como parte de seu trabalho. O dinheiro liberta Miss Fisher da necessidade de casamento e dá-lhe acesso a recursos que a satisfazem intelectualmente, fisicamente, emocionalmente e sexualmente. (JOHNSON-WOODS E FRANKS, 2015, n.p., tradução nossa)¹³

Como uma mulher afortunada, Phryne poderia contentar-se com uma vida de intermináveis compromissos sociais, galanteios e tudo que o dinheiro pode comprar. Contudo,

¹² She is part of the smart set and is somewhat beyond criticism – her social position allows her eccentricities. She is invited to the best social events [...] and can cut through red tape as she has access to powerful people. Fisher can eschew many of the social mores of the day. She does not need, nor does she seek, society's approval. She moves easily between the street urchins who help her and the drawing rooms of the rich and famous with their numerous secrets to hide. It is, perhaps, her wealth that is more character defining than her gender.

¹³ Wealth provides access to information, goods and services. Money places her outside the restrictive boundaries usually associated with females. [...] wealth means Phryne can indulge her penchant for sleuthing – unlike the private eye whose primary motivation is money or the policeperson who sleuths as part of their job. Money liberates Miss Fisher from the need for marriage and gives her access to resources that indulge her intellectually, physically, emotionally and sexually.

sua natureza aventureira e seu espírito livre a incitaram a procurar uma maneira de dar um significado à sua vida; um significado próprio, não o que se esperava para uma jovem de sua idade – casamento e filhos. Isso está de acordo com o que Beauvoir (2009, p. 694) fala sobre a mulher independente:

Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. [...] produtora, ativa, ela reconquista sua transcendência; em seus projetos afirma-se concretamente como sujeito; pela sua relação com o fim a que visa, com o dinheiro e os direitos de que se apropria, põe à prova sua responsabilidade. (BEAUVOIR, 2009, p. 694)

A busca de Phryne Fisher por uma profissão representa sua consciência de que, para se afirmar como um ser humano, seria necessário ultrapassar as convenções sociais que aprisionam as mulheres a um papel predefinido. Mais ainda, representa sua necessidade de se encontrar, de dar um sentido a sua existência e de, principalmente, ser livre para fazer isso.

Vale destacar, aqui, que não só a protagonista é ciente de seu direito à liberdade de escolher quem quer ser e como quer viver, posto que na narratividade da trama, Elizabeth MacMillan, sua grande amiga e apoiadora, também é descrita como uma mulher diferente das demais:

Ela tinha quarenta e cinco anos e, tendo tido a formidável determinação de seguir o Dr. Garret Anderson e lutar para se tornar uma médica, não tinha tempo para mais nada. Ela era larga e forte como um trabalhador braçal, com a mesma tez castigada pelo tempo e mãos ásperas e calejadas. Seus cabelos eram grisalhos, cortados impiedosamente em um curto *Eton crop*. Por conveniência, ela usava roupas masculinas e nelas tinha um certo estilo bastante rústico. (GREENWOOD, 2013, p. 10, tradução nossa)

Novamente, percebemos, nos detalhes da exposição narrativa, que Greenwood retrata a imagem de uma mulher emancipada, uma vez que MacMillan representa a disposição feminina em buscar uma formação acadêmica tida como exclusiva aos homens, a medicina, e, dessa maneira, por demonstrar resiliência para esse posto social feminino no mercado de trabalho, põe sua carreira profissional acima de qualquer coisa.

Em adição, em *Cocaine Blues*, sua aparência física e vestimenta são uma referência à sua orientação sexual, tendo em vista que a personagem é confirmada como lésbica em outros volumes da série. Poucos detalhes sobre essa personagem, bem como sobre outras bastante recorrentes em toda a coleção, como Dorothy Williams, são dados nesse primeiro volume, mas o que nos é descrito mostra o suficiente para esta primeira análise da obra.

Após estas considerações acerca do protagonismo feminino no romance que marca a estreia da personagem Phryne Fisher no mundo da literatura contemporânea, é importante refletir em como as ações da detetive australiana de Greenwood podem repercutir no mundo real, em concordância com o que Candido (2004, p. 175) expressa a seguir:

[...] assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a Literatura. Deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente. Neste sentido, ela pode ter importância equivalente à das formas conscientes de inculcamento intencional, como a educação familiar, grupal ou escolar cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada uma presença e atuação deles. Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivos. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 2004, p. 175)

Retomando a importância da literatura na propagação de valores e na luta contra problemas de ordem social que afligem a humanidade, lançam-se os seguintes questionamentos: de que forma *Cocaine Blues*, de Kerry Greenwood, reflete uma imagem do século XXI, embora seja ambientado no início do século XX? O que a mulher da atualidade pode aprender do comportamento da personagem Phryne Fisher, no que diz respeito ao seu comportamento vanguardista?

Candido (2004, p. 177) diz sobre o efeito da literatura em nossa maneira de pensar:

De fato, quando elaboram uma estrutura, o poeta ou o narrador nos propõem um modelo de coerência, gerado pela força da palavra organizada. [...] Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo. (CANDIDO, 2004, p. 177)

Assim, a detetive australiana da obra de Greenwood, com sua conduta *avant-garde* que alude ao perfil de mulher independente descrito por Simone de Beauvoir, configura uma representação da mulher do século XXI, pois ela é um modelo de mulher que busca afirmar-se como ser humano, que procura exercer seu direito à liberdade de decidir como levar sua vida e o que fazer com seu próprio corpo, ao invés de simplesmente aceitar o que uma sociedade

moldada nos preceitos do patriarcalismo, convencionou como sendo inato aos indivíduos do sexo feminino.

Personagens como Phryne Fisher, com sua coragem indômita e sua fome por uma vida cheia de aventuras nada convencionais para uma “mulher”, podem servir, e, de fato, servem, como inspiração para leitores do mundo inteiro, fazendo-os enxergar que o primeiro passo para a mudança no *status quo* da situação feminina pode vir de si mesmos, quando não aceitam serem desmerecidos ou excluídos de seu lugar de direito por causa de seu sexo.

Sim, a partir das aventuras da Honorável Senhorita Phryne Fisher, muitas mulheres (e por que não homens?) podem passar a entender o significado de uma das frases mais conhecidas de Simone de Beauvoir, em *O Segundo Sexo*: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” (BEAUVOIR, 2009, p. 290) *Cocaine Blues*, tal qual uma ferramenta nas mãos da literatura, demonstra que, não importam os obstáculos que o mundo imponha, a mulher detém em si o poder de ser livre e independente.

Nos títulos restantes da série de Greenwood – 21 até o presente momento – tem-se a oportunidade de se salientar diversas considerações que visam a fomentar pesquisas acerca da influência do feminino sobre o mundo, e, conseqüentemente, de dar mais visibilidade à luta das mulheres pela verdadeira emancipação, seja por meio da literatura, seja por meio de outros artifícios.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da inserção do protagonismo feminino na obra de literatura contemporânea *Cocaine Blues*, da autora australiana Kerry Greenwood, revela que, a personagem Phryne Fisher com sua personalidade única e comportamento a frente de seu tempo, reflete a mulher da atualidade, embora desfrute de mais privilégios que a maioria. Sobre a *Lady Detective*, o Jornal Australiano *The Age* escreveu: “Phryne é uma fantasia maravilhosa de como você poderia viver sua vida se tivesse beleza, dinheiro, inteligência e excelente autocontrole.”

Evidentemente, a maioria das mulheres não possui o status social ou a riqueza de Phryne Fisher. Ao contrário, essas mulheres lutam para sobreviver, conciliando sua vida pessoal com suas aspirações profissionais e outras responsabilidades, além de ter que lidar com os desafios de ser uma mulher em um mundo moderno, mas ainda dominado pelo machismo. Tais dificuldades, porém, não as tornam impossível às leitoras da obra de Greenwood para que se sintam motivadas a tomar uma ação quanto às suas escolhas na vida e à maneira de encarar a si mesmas.

Ao examinarmos a relação da personagem com as questões relativas à sexualidade, ao casamento, aos desafios do processo de emancipação feminina, com base as reflexões filosóficas de Simone de Beauvoir, percebemos que as decisões e o modo de pensar da senhorita Fisher, no que concerne a estes temas, fazem jus às reflexões existencialistas da filósofa francesa, visto que demonstram sua compreensão acerca do que é liberdade e de seu direito de exercê-la.

Portanto, a obra de Kerry Greenwood, *Cocaine Blues*, configura-se como um importante meio de motivar a reflexão e de quebra de paradigmas, mas também pode ser usada de maneira mais prática. Embora não seja a proposta deste trabalho, propomos o uso pedagógico do primeiro e de outros títulos da coleção. Adicioná-los às atividades de literatura ou de língua inglesa pode ser muito proveitoso, especialmente quando se estimula o debate das questões sociais presentes na narrativa. Com apoio da série de televisão baseada nos livros de Greenwood, as aulas dedicadas às aventuras da senhorita Fisher devem ganhar um tom a mais, e até gerar a possibilidade de comparação entre o texto original e o roteiro adaptado, cabendo ao professor, no entanto, gerenciar as atividades de acordo com a faixa etária dos alunos.

Este estudo é mais uma forma de expressão que, aliada ao campo literário, ecoa na voz da mulher que visa a demonstrar o quanto a figura feminina conquistou o espaço em termos de inserção social.

Dessa forma, essa figura contribui para o desenvolvimento dos locais de que faz parte, atuando como parte integrante em decisões, na formação de valores, sejam culturais, políticos e/ou cognitivos.

Essa proatividade desperta e motiva a essência feminina não subjugada, apenas, à delicadeza e à fragilidade, mas também à força criativa e sagaz de descobertas fulcrais para o aprimoramento necessário, na atualidade, de diversas áreas nas quais o masculino não reverbera e atua sozinho, tendo em vista que busca a convergência, a conexão e a complementação do feminino para a concretização de ações.

Dessa articulação, emanam projetos, ações e atitudes sociais magnânimas para a estrutura econômica das sociedades que a todo momento exigem transformações com vistas ao progresso. E este, indubitavelmente, é resultante dessa integração, cada vez mais aceita, mediante a constante busca feminina por espaço na atuação social.

Ainda que tenhamos vivenciado várias mudanças ao longo das últimas décadas, há muito a ser alcançado, pois, não só na literatura, mas em todas as áreas da vida, a realidade da mulher enquanto ser social deve ser retificada, e seu direito de uma existência livre dos grilhões da pesada condição a que se encontra rebaixada, garantido. Beauvoir (2009, p. 724) esclarece sob quais termos essa libertação será possível, dizendo:

Quando finalmente for assim possível a todo ser humano colocar seu orgulho além da diferenciação sexual, na glória difícil de sua livre existência, poderá a mulher — e somente então — confundir seus problemas, suas dúvidas, suas esperanças com os da humanidade; somente então ela poderá procurar desvendar toda a realidade, e não apenas sua pessoa, em sua vida e suas obras. Enquanto ainda tiver que lutar para se tornar um ser humano, não lhe é possível ser uma criadora. (BEAUVOIR, 2009, p. 724)

Portanto, é de fundamental importância que trabalhos como este continuem a ser realizados e fomentados, a fim de que, por meio da colaboração das ciências humanas em pesquisas na área da literatura de cunho feminista e da disseminação dos conhecimentos gerados por meio delas, possamos contribuir para a libertação de todas as mulheres e para uma sociedade cada vez mais humana e pautada no princípio da igualdade para todos.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. RJ: Nova Fronteira, 2009. 2 v. Tradução de Sérgio Milliet.
- BRUN, André Adriano. **O trançado da morte nas tramas do tempo**: uma leitura da condição feminina em Cartilha do silêncio e A dança dos cabelos. 2008. 213 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2008.
- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CAVALCANTI, Vanessa R. S. (São Paulo). Mulheres em ação: revoluções, protagonismo e práxis dos séculos XIX e XX. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. Projeto História: Guerra, império e revolução, São Paulo, v. 30, p. 243-264, 09 jun. 2006. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2265/1358>. Acesso em: 11 dez. 2022.
- CLEMENTE, Josilvânia Maria da Silva. **A Representação da Mulher Renascentista Através de Ofélia em Hamlet**. 2017. 34 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Letras Inglês, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2017. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/17735>. Acesso em: 11 jan. 2024.
- COSTA, Guilherme Baggio. Simone de Beauvoir e o feminismo existencialista: contribuições para a filosofia do direito. **Revista Avant**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2022. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/avant/article/view/6728>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- DIOGENES, Joseph Yuri *et al.* Literatura, contemporaneidade e internet: uma reflexão sobre a mudança de perfil dos escritores com o surgimento das tecnologias. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S.l.], v. 9, n. 6, p. 2749-2757, 18 jul. 2023. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*. <http://dx.doi.org/10.51891/rease.v9i6.10445>. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10445>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura Ocidental**: autores e obras fundamentais. São Paulo: Ática, 1990. 527 p.
- GALLE, Helmut Paul Erich. Contemporaneidade: reflexões sobre um conceito da crítica e teoria literária. 2013, **Anais**. Uberlândia: EDUFU, 2013. Acesso em: 19 nov. 2023.
- GREENWOOD, Kerry. **Miss Phryne Fisher Investigates**. 3. ed. Londres UK: Constable Crime, 2013. 208 p.
- JACOMEL, M. C. W.; PAGOTO, C. Cultura patriarcal e representação da mulher na literatura. **Ideação**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 09–23, 2000. DOI: 10.48075/ri.v11i1.4936. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4936>. Acesso em: 11 dez. 2022.

JOHNSON-WOODS, Toni; FRANKS, Rachel. Phryne Fisher: feminism and modernism in historical crime fiction. **The Australian Journal Of Crime Fiction**, [S.I.], v. 2, n. 1, n.p. 2015. Disponível em: <https://www.australiancrimefiction.com/phyrne-fisher>. Acesso em: 16 jan. 2024.

PIRES, Marília Freitas de Campos. O materialismo histórico-dialético e a Educação. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 83-94, ago. 1997. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-32831997000200006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/RCh4LmpxDzXrLk6wfr4dmSD/?lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2024.

RIBEIRO, Flávia Giaccobo. A representação feminina em Bocage: a tonalidade dependente do receptor. **Mafuá**, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 31, 2019. ISSN: 1806-2555. Disponível em: <https://mafua.ufsc.br/2019/a-representacao-feminina-em-bocage-a-tonalidade-dependente-do-receptor/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

RUBIO, Antonio Daniel Juan; CONESA, Isabel María García. **The Role of Women in the Roaring Twenties**. Repositório Digital da Universidade Politécnica de Cartagena, 2012. Disponível em: <https://repositorio.upct.es/handle/10317/2192?show=full#:~:text=The%201920s%20was%20a%20challenging,ways%2C%20contribute%20to%20American%20society>. Acesso em: 17 jan. 2024.

SANTOS, Alessandra Rufino. A importância da literatura como fonte de pesquisa na construção do pensamento social brasileiro. **Examãpaku – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, História e Relações Internacionais**, Boa Vista, Universidade Federal de Roraima, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2008. Disponível em: <http://revista.ufr.br/examapaku/article/download/1466/1060>. Acesso em: 19 nov. 2023.

SANTOS, Sandra Ferreira dos. A mulher na Magna Grécia: um “objeto” de valor. **Clássica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, [S. l.], v. 29, n. 1, p. 29–48, 2016. DOI: 10.24277/classica.v29i1.301. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/301>. Acesso em: 13 jan. 2024.

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. In: SARTRE, Jean-Paul. **Os pensadores**. Tradução de Rita Correia Guedes. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 3-32.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik (2009). **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

ZILBERMAN, Regina. **Teoria da Literatura I**. 2. ed. Curitiba: Iesde Brasil, 2012. 208 p.